



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v58i2.2925>

## ESBOÇO TEÓRICO PARA UMA SOCIOLOGIA DO MOVIMENTO DE JESUS A PARTIR DA TESE DE GERD THEISSEN<sup>1</sup>

*Theoretical outline for a sociology of the movement of Jesus  
from the thesis of Gerd Theissen*

Jorge Martins de Jesus<sup>2</sup>  
Walter Ferreira Salles<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma introdução ao instrumental teórico científico de investigação do movimento de Jesus a partir da sociologia. Como forma de estratégia básica de investigação é utilizado o método qualitativo, o qual irá auxiliar na descrição da teoria e dos métodos empregados. Como método de abordagem e de coleta de dados é utilizado o método bibliográfico por meio de literatura especializada. Uma das hipóteses obtidas como resultado é de que o movimento de Jesus não foi somente um monumento à fé e explicável apenas do ponto de vista religioso, mas, antes, uma realidade histórica e socialmente situada, demonstrável por um modelo social aplicável. As discussões que disso resultam são de que uma sociologia do movimento de Jesus pode fornecer quatro pontos de vista importantes como análise: descrever o comportamento inter-humano típico do movimento e seu papel social, analisá-lo como um fenômeno coletivo, verificar as influências recíprocas entre o movimento e a sociedade e, finalmente, realizar uma análise das ideias e dos valores nos quais o movimento de Jesus refletiu sua situação social.

**Palavras-chave:** Sociologia. Religião e sociedade. Cristianismo. Movimento de Jesus. Teoria e Método.

**Abstract:** The article presents an introduction to the scientific theoretical instrument of investigation of the Jesus movement from Sociology. As a form of basic research strategy, the qualitative method is used, which will aid in the description of the theory and the methods employed. As method of approach and data collection, the bibliographic method is used through specialized literature. One of the hypotheses obtained as a result is that the Jesus movement was not only a monument to the faith and explicable only

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 15 de janeiro de 2017 e aprovado em 16 de janeiro de 2018 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Contato: [jorgemartinsdejesus@hotmail.com](mailto:jorgemartinsdejesus@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Teologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Contato: [wfsalles@puc-campinas.edu.br](mailto:wfsalles@puc-campinas.edu.br)

from the religious point of view, but rather a historical and socially situated reality, demonstrable by an applicable social model. The resulting discussions are that a sociology of the Jesus movement in a sociological perspective can provide four important points of view as an analysis: to describe the typical interhuman behavior of the movement and its social role, to analyze it as a collective phenomenon, to check the reciprocal influences between the movement and society and, finally, to carry out an analysis of the ideas and values in which the movement of Jesus reflected its social situation.

**Keywords:** Sociology. Religion and society. Christianity. Jesus movement. Theory and method.

## Introdução

Este trabalho é fruto do interesse sobre os estudos dirigidos à história social dos escritos bíblicos. Uma história social dos escritos bíblicos situa-se dentro da trajetória da exegese histórico-social bíblica. Essa trajetória sugere uma divisão em quatro linhas de pesquisa: história sociodescritiva, socioquermática, sociocientífica e materialista. A linha de pesquisa adotada por Theissen e refletida nas páginas que seguem pertence à linha sociocientífica, a qual abrange, entre outros estudos, a antropologia cultural. Seu objeto inicial de pesquisa é o radicalismo itinerante praticado por líderes carismáticos durante o nascimento do cristianismo primitivo. Na Palestina daquele tempo, sociedade e religião dinamizavam a busca por uma transformação radical da realidade política, social e econômica que viviam. Nessa relação, fosse ela de troca ou de conflito, a sociedade ideal pressupunha uma religião. Tal afirmação afiança a ideia de que a religião é algo eminentemente social. Assim, a Sociologia da Religião ocupa-se em estudar como as instituições e organizações religiosas funcionam, sobretudo, em relação à criação de ações, espaços e estruturas organizacionais de troca entre sociedade e religião.

Um dos objetivos da Sociologia da Religião, próprio da Sociologia, é estudar o equilíbrio relativo entre a influência da sociedade no indivíduo, principalmente a partir da religião, e sua liberdade para agir e influenciar a sociedade. Como resultado, constatou-se que a religião pode ser liga social e impulso inovador, pode também intimidar e adaptar pessoas a um determinado *status quo*, mas também pode ajudá-las a agir com autonomia e ser criativas. Outro fator conclusivo é que, à medida que as tradições religiosas tradicionais perdem influência, a religiosidade parece ser canalizada em novas direções em uma série de novos movimentos religiosos. Todas essas funções sociais podem ser encontradas no cristianismo primitivo, em especial naquela responsável pelo desenvolvimento ou a recuperação do ideal de sociedade – a função social do reino de Deus, desenvolvida pelo movimento de Jesus. Ela determinou o objetivo de transformação da sociedade e até mesmo a transformação do mundo por meio da luta pela redistribuição de oportunidades e chances de vida pelo grupo. As páginas seguintes sugerem um esboço teórico introdutório capaz de analisar e entender o movimento de Jesus a partir do instrumental científico da Sociologia. Devido ao espaço e escopo do presente trabalho, não é possível esboçar uma teoria e um método de forma exaustiva, bem como

de questionar seus limites. A estratégia utilizada é antes um ensaio, uma tentativa de provocar outras pesquisas ou até mesmo refutações sobre esta. De qualquer modo, situa-se como análise aberta ao debate propriamente acadêmico.

## **Esboço teórico e metodologia**

No campo das pesquisas sobre arte, cultura, política e religião de sociedades do passado, a sociologia científica, unida a outras correlatas, é capaz de oferecer instrumental teórico eficaz aos interessados pela pesquisa, principalmente sobre os aspectos epistemológico e metodológico da investigação. Resulta, assim, em uma abordagem criativa, sobretudo, quando aplicada, por exemplo, sobre as diversas camadas de estudos sedimentadas a respeito do cristianismo primitivo. Outros campos de pesquisa, como a história territorial, a cartografia e a arqueologia também têm desempenhado papel fundamental na análise do movimento de Jesus. Por meio dessas ciências, pode-se hoje, diz Theissen, opinar de forma mais segura sobre a região originária do movimento de Jesus, distinguir as diversas outras regiões e vincular a cada uma o pensamento helenista, filosófico ou religioso dominante. Importância deve ser dada também à Antropologia Cultural da Antiguidade, que, aplicada ao cristianismo primitivo, trouxe sensibilidade para antigos valores e normas gerais que são diferentes das conhecidas pela modernidade. Foi justamente esta última “que deu nível programático ao trabalho com modelos das modernas ciências sociais”<sup>4</sup>. Por meio delas, podem ser testados modelos de formação de grupos, formas de recrutamento, tipos de liderança sobre massas e outros diversos modelos de sistemas e de atitudes comportamentais, de forma que possam ser analisados a fundo os movimentos de renovação religiosa, como foi o movimento de Jesus.

Fundamental para uma investigação como essa é compreender o que é designado por movimento de Jesus. É a identificação sociorreligiosa dos primórdios dentro do judaísmo que formaram historicamente o primeiro círculo de seguidores de Jesus. É o que alguns pesquisadores identificaram como protocristianismo<sup>5</sup>. Além disso, o movimento de Jesus distingue-se, historicamente, do posterior cristianismo primitivo. Este último pode ser considerado um fenômeno já desenvolvido a partir do último terço do primeiro século, fora da palestina, consolidado como organização e que, até mesmo, sob certos aspectos, refreou o caráter carismático do movimento de Jesus.<sup>6</sup> Geograficamente, o movimento de Jesus pode ser caracterizado como um fenômeno

---

<sup>4</sup> THEISSEN, Gerd. *O movimento de Jesus: história social de uma revolução de valores*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 40.

<sup>5</sup> O conceito de protocristianismo é utilizado por pesquisadores como Ekkehard e Wolfgang Stegemann. Segundo eles, o termo refere-se a diversos fenômenos do seguimento de Jesus que geográfica e temporalmente cobrem um período que compreende a protocomunidade de Jerusalém, as comunidades da Judeia – assim chamadas por Paulo – e as comunidades messiânicas na terra de Israel no período após a destruição do segundo templo. Para mais detalhes, ver a introdução que eles apresentam ao tema. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004. p. 13-16.

<sup>6</sup> THEISSEN, 2008, p. 14.

religioso próprio das regiões da Palestina e da Síria, limitando-se como um movimento de renovação religiosa apenas no âmbito intrajudaico. Em termos sociológicos – e esse é o principal foco aqui –, o uso do termo *movimento* dá o verdadeiro tom à prática, ao ensino e à vivência de Jesus junto à primeira comunidade de discípulos. Isso porque a ideia de *movimento*, sociologicamente, estrutura-se como uma tentativa coletiva de alcançar um objetivo comum, por meio de ações populares e fora das instituições estabelecidas. Assim, pode-se dizer, de forma concisa, que o movimento de Jesus foi um movimento intrajudaico de renovação religiosa, desencadeado por Jesus no âmbito popular sírio-palestino, o qual floresceu entre 30 e 70 d.C.

Além da definição de conceitos, a possibilidade de uma sociologia do movimento de Jesus depende do uso de fontes e das afirmações sociologicamente relevantes nelas contidas. Nisso, dois desafios logo se apresentam: 1) o material das fontes do cristianismo primitivo que descrevem o movimento de Jesus é esparso e esquivo; 2) essas fontes não objetivavam em sua composição original comunicar realidades sociológicas. Sendo assim: “Todos os dados sociológicos têm de ser penosamente desvendados”<sup>7</sup>. Para isso, três métodos de inferência podem servir como matriz metodológica: 1) métodos de inferência construtivos; 2) métodos de inferência analíticos; 3) e métodos de inferência comparativos.

Pelo método de inferência construtivo, todas as declarações de teor sociológico que fornecem dados prosopográficos, como os de origem, propriedade e condição social de indivíduos, ou dados sociográficos sobre programas, formas organizadas e modos de comportamento de grupos inteiros, são apreciadas de forma crítica. Pelo método de inferência analítico, os textos que, implicitamente, lançam luz sobre dados sociológicos são examinados em detalhes. Textos contendo normas e regras, declarações sobre episódios isolados, conflitos entre grupos, bem como a linguagem e formas literárias contidas nesses textos “permitem depreender um certo mundo social”<sup>8</sup>. Finalmente, pelo método de inferência comparativo, é possível a comparação do movimento de Jesus com outros movimentos análogos, seja no contexto daquela época, seja em outras culturas. Além de dedicar atenção especial aos movimentos de renovação intrajudaicos, paralelos ao movimento de Jesus, realizando assim uma comparação intercultural, Gerd Theissen dedica-se também a comparar o movimento de Jesus com, por exemplo, movimentos milenaristas de outras culturas. Seja qual for o método, os textos produzidos pelo cristianismo primitivo são de vital importância para a análise. São resultados do agir humano, que ultrapassam os limites do código escrito para nos atingir, razão pela qual, além do dever de serem compreendidos no contexto do agir, devem também ser compreendidos no contexto do sofrer das pessoas. “São janelas pelas quais pode-se [sic] ver o cenário vivencial que deu vida àquele texto.”<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> THEISSEN, 2008, p. 24.

<sup>8</sup> THEISSEN, 2008, p. 26.

<sup>9</sup> THEISSEN, 2008, p. 28.

## **Análise de caso: uma sociologia da ideia de reino de Deus vivenciada pelo movimento de Jesus**

Como um pequeno exemplo de investigação, levando-se em conta um pouco do que foi exposto acima, será verificada, concisamente, a possível função social do reino de Deus desenvolvida a partir do movimento de Jesus. Antes, é oportuno expor o significado que se pretende com a expressão *função social*. Função social foi o termo utilizado pelo sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) em suas Regras do Método Sociológico para explicar um fenômeno social a partir do papel que esse fenômeno desempenha e a função que cumpre no organismo social que o desenvolve. Mais como um método de interpretação do que de investigação, o conceito define que a vida em sociedade acontece mediante o papel, isto é, a função desempenhada por cada grupo ou instituição que a compõe. Com essa função, a sociedade é compreendida como uma grande e complexa estrutura de agentes que, por meio de ações e reações sociais inter-relacionadas, formam um sistema organizado de atividades cuja operação assemelha-se a um organismo vivo. O papel de cada agente, grupo ou instituição nesse todo é compreendido simultaneamente como funções a serem realizadas. A partir de tal entendimento, pode-se frisar que, além de necessárias, as funções sociais na religião são importantes meios à sua manutenção, legitimação e integração no mundo. Os sujeitos religiosos de uma dada religião não esperam hoje, como também já não esperavam na Palestina do século I, somente serem livres de uma condenação eterna, de terem consolo na solidão ou de meios contingentes aos flagelos existenciais. Eles querem também agora, como no passado, assumir uma postura social diante da existência. Querem que a religião também forneça “justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhe são socialmente inerentes”<sup>10</sup>.

Essa afirmação enquadra-se consideravelmente na experiência das primeiras comunidades cristãs no primeiro século. Segundo a análise feita por Theissen, o movimento de Jesus surgiu de uma crise da sociedade judaico-palestina devido às transformações e tensões sociais ocasionadas como reação à contracultura helenista. Ao contrário de outros movimentos de resistência da época, o movimento de Jesus reagiu a essa crise com ações revolucionárias no âmbito dos valores morais, éticos e sociais e não no âmbito do poder e da violência, como faziam os movimentos de banditismo social.<sup>11</sup> Com essa atitude, o movimento “Contrapôs à realidade de fato sua visão do

---

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 48.

<sup>11</sup> Segundo Eric Hobsbawm, o termo *banditismo social* refere-se a um fenômeno social originário de sociedades baseadas na agricultura e de economias pastoris, nas quais há uma enorme quantidade de camponeses e trabalhadores sem terras sendo governados, oprimidos ou explorados por representantes de outra classe social. Esse banditismo manifestava-se basicamente de três maneiras: pelo ladrão nobre, pelas unidades de resistência na forma de guerrilha e pelo vingador que procurava espalhar o terror (HOBSBAWM, Eric. *Bandidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1967. p. 13). Para uma análise do conceito de banditismo social aplicado aos estudos acerca do Jesus histórico e de seu movimento, ver o cap. 9, *Bandido e Messias*, de Dominic Crossan (CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês*

reino de Deus, e à luta pelo poder suas estratégias não-violentas<sup>12</sup>, resultando, assim, em uma revolução de valores e não de poder.

Para realizar essa revolução, o movimento de Jesus utilizou uma estratégia de revolução carismática. Theissen explica que carisma “é o dom de exercer autoridade sem se apoiar em instituições e papéis pré-estabelecidos”<sup>13</sup>. Ele chega a essa conclusão a partir da sociologia da religião de Max Weber. Segundo o sociólogo, carisma designa a qualidade de uma personalidade considerada fora do cotidiano, em razão da qual é avaliada como dotada de forças ou qualidades sobrenaturais ou sobre-humanas, ou pelo menos extracotidianas. Ainda, segundo Weber, Jesus é um dos modelos ideais de carisma<sup>14</sup>.

É importante saber que, com frequência, os carismáticos rompiam com as expectativas de papéis que lhes eram impostos, entrando em conflito direto com as instituições que tinham por função regulamentar comportamentos e distribuir posições na época, como, por exemplo, a religião. Os carismáticos faziam isso contrapondo como inabaláveis suas convicções aos valores vigentes da época, abalando a legitimidade desses últimos. Essa contraposição de valores foi estrategicamente vivenciada pelo movimento de Jesus. Os textos judaicos da tradição judaica pós-exílica e helenista, por exemplo, convergiam em grande parte para demonstrar que o reinado de Deus seria manifesto quando imposto pela vitória sobre os inimigos de Israel (Is 24.22; Zc 14.9; 1QM 6,6 [*Milhamah* – manuscrito da Guerra]; Ass 10.1ss [Ascensão de Moisés]). Ao invés disso, para o movimento de Jesus, o reinado de Deus estava ligado a concepções de política interna e familiar. Pessoas do povo simples, como os discípulos (Lc 22.28ss), poderiam fazer parte do governo e julgar as tribos de Israel; pessoas pobres, famintas e devedoras teriam uma vida farta; também a distribuição de bens seria em favor dos fracos, pois era a eles a quem estava garantida a posse de terra (Mt 5.5s).

No reinado de Deus projetado pelo movimento de Jesus, todos teriam acesso à distribuição de oportunidades de vida, fossem pobres, impotentes ou marginalizados. Theissen destaca que os sonhos do movimento de Jesus de um reinado de Deus “não são sonhos de sacerdotes, eruditos das escrituras e poderosos”<sup>15</sup>. Nos sonhos projetados pelo movimento de Jesus, foram as expectativas de tradição popular que balizaram o caminho para o reinado de Deus. Deram início, assim, à utopia. Antes, é importante

---

judeu do mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 203-259); como também a análise sobre *Bandidos, Profetas e Messias* de Richard A. Horsley e J. S. Hanson, (HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995).

<sup>12</sup> THEISSEN, 2008, p. 351.

<sup>13</sup> THEISSEN, 2008, p. 45.

<sup>14</sup> A partir do carisma, a sociedade vê no indivíduo, ou no grupo, uma pessoa enviada por Deus, o que geralmente nas sociedades pré-industriais era entendido como potencialidade a um líder. Além disso, é característico que o corpo administrativo do senhor carismático seja selecionado segundo critérios carismáticos, ou seja, não existe instalação, eleição ou deposição, apenas a convocação segundo a inspiração do líder. Os discípulos vivem com o líder carismático em comunismo de amor por meio de doações ou patrocínio. Importante elemento presente em um domínio carismático é também a frase: “Está escrito – Eu porém vos digo”. Todas essas considerações foram introduzidas antes de Weber por R. Sohm, o qual, pelos estudos sobre o Novo Testamento, propôs que no cristianismo primitivo cada membro da igreja tivesse um carisma. THEISSEN, 2008, p. 45-46.

<sup>15</sup> THEISSEN, 2008, p. 358.

resgatar o significado desse conceito quando aplicado às sociedades. Quando as políticas e formas de governos fazem com que se perca qualquer esperança no mundo ou na sociedade em que se vive, gesta-se, então, a busca por um outro mundo, o mundo de uma sociedade melhor, uma sociedade ideal. Nasce, assim, a utopia. Além de ser desejo essencialmente social e de crítica política, também é aspiração religiosa. Durante o período de ação do movimento de Jesus, o ideal político e religioso do imaginário popular buscava alcançar a emancipação da tirania estrangeira, a paz e a ordem no país, a ascensão de governantes justos, a fertilidade do solo e o direito da terra para todos, ou seja, uma utopia social própria de uma nação agrária. Além disso, almejavam uma grande celebração em família, pois alimento e fraternidade eram de que mais necessitavam. Esperava-se, assim, um reinado de Deus em que se pudesse comer e beber (Lc 6.20ss; Mc 14.25). A imagem de reinado de Deus exposta pelo movimento de Jesus era de “[...] uma festa em família para aqueles que não têm família”<sup>16</sup>.

No reino de Deus projetado pelo movimento de Jesus, noções da vida familiar e da prática de poder deveriam estar conciliadas. O reino de Deus seria um reinado de pessoas simples cujo principado seria notado, por exemplo, na pessoa e nos cuidados de um pai. A oração do Pai-Nosso ensinada por Jesus, ao dizer “Pai [...] que o teu reinado venha”<sup>17</sup>, adquiria uma função pedagógica. Ainda assim, a pregação do reinado de Deus feita pelo movimento de Jesus não colocava entre parênteses os valores da elite, pelo contrário, abordava também noções de distribuição de poder, de prestígio, de posses e de educação. O movimento de Jesus assinalou vários conselhos sobre como lidar com esses bens. Ao mesmo tempo em que criticava os ricos e poderosos, também encorajava pessoas humildes a adotar atitudes da elite. Com isso, é uma hipótese de que o movimento de Jesus, como fenômeno religioso de transformação social, defendeu uma transferência descendente de valores, isto é, a transferência de valores da classe alta às classes mais baixas e não a total abolição dos valores das classes mais altas.

Na luta por distribuição de poder ou de chances de vida sempre estão em jogo bens objetivos como poder, prestígio, riqueza e educação. Segundo Theissen, não foi por acaso que tais temas foram precisamente associados ao reinado de Deus pelo movimento de Jesus em contraposição aos reinados vigentes à época. Nesse sentido, o movimento de Jesus combinava a crítica severa ao exercício do poder ao mesmo tempo em que encorajava seus discípulos à apropriação do mesmo poder, desde que seus seguidores fizessem o que os governantes deveriam fazer e não faziam: construir a paz e reconciliar seus inimigos. Isso representava uma revolução de valores: pessoas afastadas do poder demandavam concretizar o que os soberanos apenas haviam prometido. No processo revolucionário desencadeado pelo movimento de Jesus, pessoas simples deveriam apropriar-se dos valores das camadas mais altas e ser capazes de colocá-los em prática em favor da vida em coletividade, não de forma seletiva e ex-

---

<sup>16</sup> THEISSEN, 2008, p. 359.

<sup>17</sup> Aqui utilizo a tradução literal do grego disponibilizada pela Bíblia de Tradução Ecumênica Brasileira (TEB).

cludente, marginal àqueles que não os possuíssem, mas, antes, de forma inclusiva e integralizadora.

Análogo às formas de comportamento associadas ao poder, o movimento de Jesus também propôs uma revolução na maneira de lidar com os bens materiais. Para ele, gente humilde deveria lidar com sua impotência e pobreza como se agisse em papéis conhecidos e praticados somente pela aristocracia da época, pois, desta última esperavam-se ações como generosidade, liberalidade e perdão de dívidas. Para muitos ricos da época, como César, a generosidade nas doações representava, tão somente, importante meio de se obter lealdade. A tradição da “moeda da viúva pobre”, desenvolvida pelo movimento de Jesus, mostrava algo novo: “as doações dos pobres valem mais que as doações dos ricos”<sup>18</sup>.

O perdão das dívidas naquele período era atributo somente conhecido a partir de reis e deuses (cf. oração do Pai-Nosso). Por meio de parábolas como a do devedor implacável (Mt 18.23ss), o movimento de Jesus encorajava seus seguidores a observar o exemplo da generosidade do rei, conforme na parábola e a perdoar as dívidas das pessoas independentemente do valor emprestado. Esse ensino foi posteriormente consolidado na tradição do Evangelho de Lucas: “[...] fazei o bem e emprestai sem esperar a devolução de nada” (Lc 6.35). Tal proposta ganhou um tom ainda mais revolucionário quando comparada às circunstâncias em que viviam os interlocutores do movimento de Jesus, pois eles não eram como os ricos da época, que emprestavam e nada lhes faltava. Antes, eram pessoas que emprestavam do necessário ao próprio sustento cotidiano. Ainda assim, eram encorajados a assumir atributos das camadas da elite ao praticarem a doação, o perdão das dívidas e o empréstimo daquilo que possuíam em mãos, mesmo que precariamente.

Em relação às formas de conduta relacionadas à educação, o movimento de Jesus buscou tornar a sabedoria acessível para todos os que dela estavam excluídos. Segundo Theissen, aspectos como educação, sabedoria e *status* social formavam uma só unidade. Essa era uma realidade bem presente nos textos da época. No livro de Jesus Ben Sira (conhecido pela tradição judaica como Sirácida e pela tradição cristã como Eclesiástico), escrito por volta de 163 a 167 a.C., afirma-se que a pessoa sábia era quem desempenhava funções entre os grandes e quem se fazia presente entre os chefes (Sirácida 38,24). Essa característica de sabedoria já era presente desde Aristóteles, uma sabedoria que excluía de seus agentes todos que exerciam algum trabalho braçal: camponeses, construtores, ferreiros, oleiros. Naquela realidade educacional, o próprio Jesus, um carpinteiro, estava excluído do direito de acesso à sabedoria. Os contemporâneos de Jesus, entretanto, reconheciam que nele a sabedoria rompia barreiras de *status*. Segundo a tradição de Marcos, eles se admiravam com ele, dizendo: “Donde lhe vem isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? Não é ele o carpinteiro?” (Mc 6.2-3). Assim, “esse mestre de sabedoria, vindo do povo, dirigia-se a todos os trabalhadores braçais que o

---

<sup>18</sup> THEISSEN, 2008, p. 367.



Sirácida tentava excluir<sup>19</sup>. Novamente, o movimento de Jesus realizava a partir do povo o que as camadas instruídas no poder haviam fracassado.

Para o movimento de Jesus, o amor ao próximo significava uma síntese de atitudes pró-sociais, que implicava fundamentalmente a superação das diferenças de *status*. A troca de posição como substituição dos primeiros pelos últimos (Mc 10.3) e a questão de humilhar e exaltar (Lc 14.11) é uma das tradições que o movimento fundou para encorajar a opção voluntária por uma posição de servo e, com isso, uma valorização da humildade. Tal postura chocava-se de modo direto com o antigo código de honra largamente utilizado nas sociedades mediterrâneas e bem exposto na sociedade judaico-palestinese. Por tal código, defendia-se a todo custo o *status* e as posições de poder. De forma revolucionária, o comportamento comunitário dos discípulos deveria ser imagem e prática de contraste com o domínio político: “entre os discípulos, deveria ter autoridade aquele que estivesse disposto a ser servo e escravo de todos”<sup>20</sup>.

A humildade era assim valorizada como renúncia ao *status* e como crítica ao domínio desumano. Além da humildade como valor do povo simples, o movimento de Jesus soube também combiná-la como ideal que deveria ser também utilizado no âmbito aristocrático. A partir da própria pessoa de Jesus, a humildade foi apresentada como *imitatio* do Senhor do universo, que voluntariamente renuncia seu *status* e desce até os seres humanos para servi-los. Com isso – e unida ao amor ao próximo –, a humildade também era válida como princípio a ser seguido pelas camadas mais altas: todos os chefes e governantes deveriam seguir o exemplo de Jesus em suas atribuições.

Já as ações simbólicas de Jesus e de seu movimento demonstraram a nova visão de reinado de Deus em relação a conflitos políticos. Apesar de Jesus e de seu movimento não terem exercido, de fato, nenhuma política de poder, eles realizaram uma crítica ao poder pelas ações denominadas por Theissen de político-simbólicas. Não há dúvidas de que Jesus e seu movimento dominavam a linguagem e ações simbólicas e que o aumento delas à época não foi por acaso. De um lado, as casas de Herodes e de Pilatos tencionavam conduzir a sociedade judaica cautelosamente a aceitar os símbolos do mundo greco-romano; por exemplo, por símbolos culturais gentílicos e as imagens do imperador postas em Jerusalém. De outro lado, grupos judaicos de oposição e de cunho profético protestavam com outras imagens simbólicas: o batismo como purificação de todos os pecados e, principalmente, purificação da contaminação gentílica.<sup>21</sup> O movimento de Jesus também utilizou o símbolo do batismo, porém como crítica ao templo. Enquanto no templo havia os ritos de expiação e purificação de pecados, o movimento de Jesus, em contraposição, ensinava que somente por meio do batismo, pela fé em Jesus e em suas ações, é que seria possível o perdão de pecados, desconsiderando, assim, a eficácia do templo.

---

<sup>19</sup> THEISSEN, 2008, p. 369.

<sup>20</sup> THEISSEN, 2008, p. 381.

<sup>21</sup> THEISSEN, 2008.

## Considerações finais

O crescente número de estudos acerca da relação recíproca entre religião e sociedade no processo de evolução, desenvolvimento e reinvenção de ambas, mostra uma temática quase inesgotável das abordagens e dos resultados que podem ser obtidos. Vale lembrar que não somente as áreas de saber religioso como a Teologia, as Ciências da Religião ou a História das Religiões, foram responsáveis por elaborar estudos que explicassem essa relação. Também áreas como a Filosofia, a Antropologia, a História e, principalmente, a Sociologia, produziram um vasto material de estudos que ainda não foi exaurido. Alguns desses estudos, sobretudo da relação entre modernidade e religião, identificaram que em certos períodos da história a religião foi o fator decisivo na construção das sociedades, com resultados dos mais variados até o presente.

Com relação à sociedade, o esboço teórico mostrou a importância que um símbolo religioso, como o reino de Deus, por meio da função social que lhe é atribuída, pode adquirir, determinando ou ao menos influenciando consideravelmente a estrutura social. Quanto a considerações de nível propriamente religioso, é importante ressaltar diante de um estudo como esse o papel que a religião tem em quase todos os âmbitos da vida em sociedade. Marginalizar a religião ou circunscrever seu raio de ação apenas ao alcance individual ou coletivo de seus grupos redundaria com certeza em perdas e fragmentação da própria sociedade, pois ambas infundem reciprocamente valores na trajetória de seu desenvolvimento. Foi visto que o movimento de Jesus atuou como fenômeno religioso de transformação social. Para isso, defendeu uma revolução de valores, pela qual se redistribuíam valores imateriais. Preponderante no movimento foi sua proposta de solução de conflitos pela não violência, mas por formas político-simbólicas. Talvez por isso seu projeto de transformação sobreviveu por tanto tempo na história das sociedades.

Ademais, uma análise sociológica como esta aplicada ao movimento de Jesus mostra como o arquétipo de mundo a partir da ideia e visão de reino de Deus torna-se uma ferramenta poderosa de ação e estrutura social. É poderosa em seu papel de projeção e construção de uma imagem ideal de civilização e sociedade. De forma que sua aplicação em forma de proposta à sociedade é, além de múltipla em sentido, variável e criativa. Graças ao seu poder simbólico com sua força polissêmica de sentidos, pela qual mantém sempre uma reserva de significações. Contudo, sua relação positiva e recíproca com a sociedade se valida a partir da função social que o símbolo religioso desempenha. Tudo depende de como são manipulados o símbolo e sua função social pela religião. De qualquer forma, o complexo religioso resultante é altamente incisivo na sociedade. Este ensaio ofereceu, além das discussões já apresentadas, a proposta de formas criativas e atualizadas de estudos que podem ser aplicadas à atualidade de uma determinada tradição religiosa por meio do emprego de instrumental teórico científico da Sociologia. As aberturas, tanto do religioso como da sociedade, no caso brasileiro, são várias.

## **Referências**

- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- HOBSBAWM, Eric. *Bandidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1967.
- HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.
- STEGEMANN, Ekkehard W. Pluralismo religioso na terra de Israel no período helenístico-romano. In: STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004. Cap. 3, p. 164-216.
- THEISSEN, Gerd. *O movimento de Jesus: história social de uma revolução de valores*. São Paulo: Loyola, 2008.